

PARTE II –FILOSOFIA: AUTORES E CONCEITOS

Miguel de Unamuno, a educação e a pedagogia

J. M. de Barros Dias³⁴

1 Nota introdutória

Na vasta, e a um tempo problemática, obra literária e ensaística de Miguel de Unamuno há um único livro que, desde o seu título, aborda explicitamente o tema pedagógico. Trata-se de *Amor y Pedagogía*, publicado em 1902. Em vida do seu autor teve uma segunda edição, prefaciada pelo próprio *Don Miguel*. Hoje em dia o livro integra a coleção “Austral”, da madrilenha editora Espasa-Calpe, na qual tem sido repetidamente editado.

A Unamuno – professor universitário desde 1891, reitor da Universidade salmantina entre 1900 e 1914, e entre 1931 e 1934, *rector vitalicio* de 1934 até 1936, e presidente do *Consejo de Instrucción Pública*, na II República –, o tema da educação não lhe podia ser alheio. Cabe dizer que educar o povo, fazer obra demagógica, mais do que pedagógica, foi a pedra de toque da actividade profissional de Unamuno, e sobretudo, da sua actividade vital, realizada de maneira consciente, com sólidas bases filosóficas.

2 *Amor y Pedagogía*, proposta contra as educações positivista e sociologista de finais do século XIX/começos do século XX

Em finais do século XIX/começos do século XX o ambiente intelectual espanhol estava saturado de “pedagogia”³⁵. Depois do desastre colonial de 1898 – e mesmo antes – houve uma imensa febre “pedagógica”, dado que “de educación y pro educación hablaron políticos, economistas, sociólogos, hombres de ciencia, literatos, periodistas, agricultores, comerciantes”³⁶.

Unamuno, em *Amor y Pedagogía*, destaca os exageros “pedagógicos” desse tempo. Numa primeira leitura do livro, o “amor” e a “pedagogia” não têm pontos de contacto: o Espírito – o homem – representado por Avito Carrascal, e a mulher com quem se casou *indutivamente*, Marina, que simboliza a Matéria, geraram o sujeito a educar, Apolodoro, que é um ente predestinado: será génio segundo os preceitos da sociologia e de todo o progresso de começos do século; será, desde a primeira hora, um infeliz que contactará com a Ciência,

³⁴Doutor em Filosofia pela Universidade de Évora. Professor Associado da Universidade de Évora. E mail: barros.dias@hotmail.com

³⁵Cf. YVONNE TURIN (Prólogo de Pedro Laín Entralgo), *La Educación y la Escuela en España de 1874 a 1902. Liberalismo y Tradición*, Madrid, Aguilar, 1967, trad. do francês por Josefa Hernández Alfonso, pp. 6-8.

³⁶MARÍA DOLORES GÓMEZ MOLLEDA (Prólogo de Vicente Palacio Atard), *Los Reformadores de la España Contemporánea*, 1.ª reimp., Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1981, p. 371

doseada pela Forma – o seu pai – em quantidades adequadas ao seu desenvolvimento, que a Matéria – a sua mãe – subverterá ao inculcar-lhe os preceitos da educação caseira tradicional, subordinada aos carinhos maternos³⁷.

Escrita depois de *Paz en la Guerra*³⁸, *Amor y Pedagogía* é uma obra na qual Unamuno faz transitar o tratamento temático da dimensão colectiva para a esfera pessoal, em que o autor nos apresenta a vida inautêntica, concebida e consumida à luz de uma ideia que tudo submete a si mesma – a pedagogia positiva tem que criar o ser humano. Pela tipicidade no tratamento dos personagens, *Amor y Pedagogía* é um livro precursor no contexto da obra unamuniana.³⁹

Entretanto, se se têm em consideração as propostas de Buenaventura Delgado sugeridas na revista *Perspectivas Pedagógicas*, a originalidade da obra unamuniana reduz-se consideravelmente. Tendo por base a comparação de *Amor y Pedagogía* com o livro de Paul Bourget, *Le Disciple* – publicado treze anos antes –, ao ler o texto de Buenaventura Delgado podemos supor que Unamuno teria colhido do autor francês onze elementos tópicos para a concretização do seu projecto literário.⁴⁰

³⁷“Mientras el padre se encierra con el filósofo, enciérrese la madre con el hijo y allí es el besuquear al sueño de su sueño.

– Mamá, di querido.

– ¡Querido! ¡querido mío! ¡rico! ¡rey de la casa! ¡cielo! ¡querido! ¡querido...! Luis, Luisito, Luisito, mi Luis... Porque al bautizarle hizo le pusieran Luis, el nombre de su abuelo materno, del padre de Marina, en vez de aquel feo Apolodoro, y es Luis el nombre prohibido, el vergonzante, el íntimo.

– Luis, mi Luis, Luis mío, Luisito, mi Luisito — y se lo come a besos.

Le aprieta la boca contra la boca sacudiendo la cabeza a la vez, la separa luego de pronto, quédasele mirando un rato y gritando «¡Luis! ¡mi Luisito!», vuelve a unir boca a boca con ahínco.

– ¿Di, mamá, me quieres?

– Mucho, mucho, mucho, Luisito, mi Luis, mucho, mucho, mucho, sol, cielo, mi Luis, ¡Luisito...! ¡Luis!”, MIGUEL DE UNAMUNO, *Amor y Pedagogía*, Barcelona, Imprenta Henrich y Compañía, Editores, 1902, 267 (1) pp., OC, II, pp. 343-344.

Doravante citaremos as Obras Completas acima referidas – e publicadas entre 1966 e 1971, em nove Tornos – por intermédio da sigla OC, seguida da indicação do Tomo, depois de referirmos a primeira publicação em que o texto citado apareceu.

³⁸Cf. MIGUEL DE UNAMUNO, *Paz en la Guerra*, Madrid, Ed. Fernando Fe, 1897, OC, II, pp. 87-301.

³⁹“Unamuno avanza lentamente hacia su tema verdadero, el hombre mismo, el hombre de carne y hueso; desde la comunidad social, desde la vida cotidiana, impersonal, pasa a una vida determinada extrínsecamente por un propósito, por una pasión, por una manía, si se quiere. Don Avito está ya definido esquemáticamente en la primera página de la novela, individualizado, pero no personalizado, puesto a actuar en virtud de un principio externo previamente introducido en el relato; no hay esa situación radical, ese grito desde el cual se puede desnudar el alma del personaje, como pedirá después Unamuno. Si acaso, la novela va tendiendo a ello; las páginas finales van entrando en el mundo de lo personal y más entrañable; a la ficticia figura de Carrascal se le va superponiendo – mejor dicho, le va brotando de dentro – un ser elemental, convaliente de la pedagogía, que empieza a tener alguna realidad íntima y directa.”, JULIÁN MARÍAS (Introdução de Juan López-Morillas), *Miguel de Unamuno*, 2.ª ed., Madrid, Espasa-Calpe, 1980, p. 120.

⁴⁰São estes os pontos de contacto entre *Le Disciple* e *Amor y Pedagogía*:

- a) veneração do pensador à ciência (trata-se de um materialista incrédulo), à qual dedicou os seus melhores anos de vida;
- b) o pensador existe para um mundo abstracto, afastado da realidade, e acredita intimamente no auto-domínio dos instintos;

O problema das influências, apontado por Buenaventura Delgado em relação a *Amor y Pedagogía*, tinha sido colocado a Unamuno por alturas da saída a público de *En Torno al Casticismo*⁴¹. Clarín, no jornal *El Imparcial*, recriminava Unamuno com estas palavras: “No cita a nadie; todo lo dice como si aquellas novedades, que lo serán para muchos, se le hubieran ocurrido a él solo, o como si no supiera él que ya han sostenido cosas parecidas otros”⁴²; Unamuno, ferido com a crítica, esclarece os leitores: “¿Y por qué no hace citas Unamuno? Primero y principal, porque esas *novedades*, si no son de él, no son tampoco de A. o B. o C., sino que flotan en el ambiente intelectual moderno, y no recuerda haberlas leído aquí o allí, sino que han surgido de sus lecturas todas, porque nada tiene de erudito, aunque tenga de sabio, porque lee poco (es la verdad), aunque leyó mucho”⁴³. Estes pontos de vista foram sublinhados anos mais tarde no ensaio “Pirandello y Yo”, enviado para Buenos Aires⁴⁴. Unamuno acredita que as verdades, uma vez pronunciadas, são propriedade universal. É mister seu, como o é de todos os pensadores, utilizá-las sempre que sirvam os seus propósitos. Mesmo que *Amor y Pedagogía* seja a versão unamuniana de *Le Disciple*, quando se analisa a obra em profundidade, vê-se que o autor pôs nela elementos genuínos às suas teorizações educacionais. Neste livro – como na obra – “pedagogia” é sinónimo do cientificismo finissecular aplicado à educação, que Unamuno combate com vigor depois da crise religiosa de 1897, que colocou definitivamente em xeque a sua adesão inicial ao positivismo. Para ele, a “pedagogia” que subjaz a *Amor y Pedagogía* é um artifício e um perigo, coarctador da liberdade que radica na imaginação, o fundamento da educação, em Unamuno⁴⁵. A “pedagogia” criticada em *Amor y Pedagogía* é, também, a obra do fundador da

c) as teorias do pensador são peregrinas;

d) a vida sentimental do pensador é, para si próprio, motivo de preocupação;

e) o pensador tem uma influência nefasta na educação do jovem;

f) o discípulo encanta-se pelo artificial (a literatura);

g) o discípulo converte-se em sedutor;

h) a noiva do discípulo descobre ser, para ele, um objecto de experiências;

i) o fim existencial do discípulo é trágico: suicida-se;

j) a verificação da realidade leva o pensador a assistir à derrocada das suas teorias;

l) o pensador regressa às suas orações juvenis, esquecidas, uma vez conhecida a morte do seu discípulo.

Cf. BUENAVENTURA DELGADO, “‘Amor y Pedagogía’, de Miguel de Unamuno y ‘Le Disciple’ de Paul Bourget”, *Perspectivas Pedagógicas*, Barcelona, Universidad de Barcelona – Facultad de Filosofía y Letras, Vol. VI, n.º 21/22, 1968, pp. 25-36.

⁴¹Cf. MIGUEL DE UNAMUNO, *En Torno al Casticismo*, La España Moderna, Madrid, II-III-IV-V-VI. 1895; Barcelona, López, 1902, OC, I, pp. 773-869.

⁴²CLARÍN, *El Imparcial*, Madrid, apud Unamuno, “Carta a Clarín”, Salamanca, 9.V.1900, in MIGUEL DE UNAMUNO (Prólogo de Julián Marías), *Obras Selectas*, 6.ª ed., Madrid, Editorial Biblioteca Nueva, 1977, p. 953.

⁴³*Ibidem*.

⁴⁴“Es un fenómeno curioso y que se ha dado muchas veces en la historia de la literatura, del arte, de la ciencia o de la filosofía, el que dos espíritus, sin conocerse ni conocer sus sendas obras, sin ponerse en relación el uno con el otro, hayan perseguido un mismo camino y hayan tramado análogas concepciones o llegado a los mismos resultados. Diríase que es algo que flota en el ambiente. O mejor, algo que late en las profundidades de la historia y que busca quien lo revele.”, MIGUEL DE UNAMUNO, “Pirandello y Yo”, *La Nación*, Buenos Aires, 15.VII. 1923, OC, VIII, p. 501.

⁴⁵Vide nota 45, *infra*.

moderna pedagogia social. Referimo-nos ao livro do neokantiano Paul Natorp, *Sozial Pädagogik*, publicado em 1899, e no qual achamos uma comunhão matricial entre a origem da vontade racional e a da comunidade; se toda a educação é, para Paul Natorp, social, é-o de igual modo, individual, uma vez que o homem só se faz homem na sociedade. A crítica de Unamuno ao filósofo e pedagogo alemão foi apontada por Joaquín García Carrasco⁴⁶ que, em nosso entender, concebe o mundo educacional unamuniano demasiado a la lettre de Amor y Pedagogía.⁴⁷

Em Amor y Pedagogía, o candidato a génio, Apolodoro, como os restantes frutos da “pedagogia”, não é livre. Nunca o foi: desde a sua fecundação o pai segue preceitos rigorosos.⁴⁸ O mundo em que Apolodoro vive, asséptico, levá-lo-á ao preceptor, Fulgencio Entrambosmares, que, fora da escola, foi encarregado pelo pai de ministrar-lhe a Educação.

Céptico em relação a si próprio, porque é personagem que desvela a faceta mais dramática do espírito unamuniano, i.e., a problematização da crença na imortalidade, Fulgencio Entrambosmares é convincente ao advertir o aluno, o seu aluno⁴⁹, dos perigos do mundo, e ao prever a eventualidade de, com “una jeringuilla especial para inocular en los sesos todos un suero de cuatro paradojas, tres embolismos y una utopía”⁵⁰, poder salvar a existência do sujeito e a existência colectiva dos absurdos que povoam a actualidade. Na fuga do mundo da vida para o mundo dos livros, é o pedagogo quem está encarregado de preparar a criança para a vontade de ter vontade⁵¹.

Este trajecto pedagógico é atrozador. Em primeiro lugar, o é *esterilizado* dos vírus que fazem com que os seres se adaptem melhor ao meio, integrando-os nos seus mecanismos biológicos de protecção. Em segundo lugar, impossibilitado de dizer não em presença do

⁴⁶Cf. JOAQUÍN GARCÍA CARRASCO, *La Ciencia de la Educación. Pedagogos, ¿Para Qué?*, Madrid, Santillana, S.A. de Ediciones, 1983, p. 163.

⁴⁷Veja-se, a este propósito, a orientação de todo o capítulo “La Manía Pedagógica en Miguel de Unamuno”, da obra supra citada. Cf. Id., ib., pp. 162-181.

⁴⁸“Hay que dejar abierta de noche la ventana del cuarto, por donde entran las Nieblas exteriores y el aire fresco, no hay que espumar el puchero, hay que sumergir a cada paso los cubiertos en esa cubeta con solución de sublimado corrosivo que está sobre la mesa, y es extraños vasos, graduados, y con su rótulo H2O, y el salero con su CINA, y ese retrete báscula.”, MIGUEL DE UNAMUNO, *Amor y Pedagogía*, OC, II, pp. 326-327.

⁴⁹Em começos do século XX, como nos nossos dias, é uma situação privilegiada, e que esboça a relação educativa com duas pessoas: “um professor” – “um aluno”.

Só no campo teórico, como o de Jean-Jacques Rousseau em *Émile* ou de l'Éducation, ou aqui mesmo, em Amor y Pedagogía, e fora do campo educacional sistémico, é possível falar de uma díade com duas criaturas, e unicamente duas, em situação educativa.

⁵⁰MIGUEL DE UNAMUNO, *Amor y Pedagogía*, OC, II, p. 360.

⁵¹“ – Vamos, Apolodoro, escribe a tu tía.

– No sé como decirle eso, papá.

– Como quieras, hijo mío.

– Es que no sé cómo querer.

¡Qué no sabe cómo querer...! ¡Oh, la pedagogía no es tan fácil como creen muchos!.”, Id., ib., p. 353.

absoluto da Ciência, Apolodoro – tal como todos os Apolodoros do mundo – é um ser que está predestinado. Como a Ciência reivindica factos, e nada mais do que factos, é necessário, à criança “pedagógica”, no estudo que efectua da Natureza, pôr “notas marginales ilustraciones, señalando a la vez con lápiz rojo los más notable pasajes”⁵². Ainda neste contexto há a reter outra recomendação dar de Fulgencio Entrambosmares: “Lápiz rojo, mucho lápiz rojo, y como todo es en realidad notable, lo mejor sería dar de rojo al libro todo”⁵³, segreda o filósofo-pedagogo, contaminado pela mania erudita que inunda o ambiente cultural da época.

No que concerne à erudição podemos ler, no ensaio “Primera Visión Europea del Japón”⁵⁴, um forte protesto de Unamuno. O autor escreve contra a erudição e a investigação profissionais, quando nos diz que “Fernán Méndez Pinto no era, para bien de la literatura portuñguesa, eso que se llama un erudito ni un investigador profesional, casi un espía como si dijéramos. Y por eso acertó con la verdad sustancial esencial, con la que casi nunca el espía, el infame mercenario de la investigación malévola, acierta” . Segundo Unamuno, ninguém tem a capacidade de prejudicar mais o seu amo que o investigador-espião, pois “el orgullo, y el peor orgullo, el delegado y ordenado, el orgullo de ordenanza, no el permite ver claro. Las muestras de cortesía interpreta por rendimientos de admiración o de temor. ¡Desdichado el tirano que obra por informes de espías!”⁵⁶.

Atentemos nas palavras de Unamuno. Os eruditos, que preferem a história da filosofia à filosofia, os críticos de Hegel ao Hegel criador, nunca acertam com a “verdad sustancial”⁵⁶. Os eruditos mergulham nas aparências do passado sem se preocuparem com os fluxos vitais do presente: confrontados com um génio declaram-no inoportuno, na medida em que “les molestan los cantos vivos de los poetas vivos, son pobres desgraciados a quienes molestan que entren personas vivas, de carne y sangre, en el museo en que están clasificando sus esqueletos. No tratan sino con éstos. Y como a los vivos no les ven el esqueleto porque la tierra de los siglos no les ha comido aún la carne”⁵⁶ não sabem classificá-los. Os eruditos não saltam: saltitam de um presente muito pequeno para um passado que, para si próprios, é amplíssimo.

Os eruditos estão atidos ao facto mais pequeno: Quando este se acha ameaçado, todas

⁵²Id., ib., p. 341.

⁵³Ibidem.

⁵⁴Cf. MIGUEL DE UNAMUNO, “Primera Visión Europea del Japón”, El Día Gráfico, Barcelona, 2.IX.1914, OC, IV, pp. 1337-1340.

⁵⁵Id., ib., p. 1339.

⁵⁶Ibidem.

⁵⁷Id., ib., p. 1337.

⁵⁸MIGUEL DE UNAMUNO, “Sobre la Erudición y la Crítica”, La España Moderna, Madrid, XII.1905, OC, I, p. 1270.

as suas investigações ficam comprometidas e, por isso, “hay que renunciar a toda una bastantes escritores americanos; epistológrafo impenitente, Unamuno também colaborou ingeniosa y acaso brillante teoria pacientemente elaborada”⁵⁹. Não é com esta espécie de investigadores que a faceta dissociadora das Universidades – para utilizarmos o pensamento memorável de Leonardo Coimbra⁶⁰ – pode evoluir.

Em contraponto com as evidências do mundo dos factos, que admitem ser missão da Ciência a catalogação do mundo para devolvê-lo a Deus com um inventário razoável de tudo quanto existe⁶¹, Unamuno propõe a sua crença na liberdade existencial, ao aconselhar, em *Amor y Pedagogía*, pela voz interposta de Don Fulgencio: “Extra-vaga, hijo mío, extravagava cuanto puedas, que más vale eso que vagar a secas. Los memos que llaman extravagante al prójimo ¡cuánto darían por serlo! Que no te clasifiquen; haz como el zorro que con el jopo borra sus huellas; despístales. Sé ilógico a sus ojos hasta que renunciando a clasificarte se digan: es él, Apolodoro Carrascal, especie única. Sé tu mismo, único e insustituible”⁶².

3 Defesa unamuniana de uma pedagogia para o homem concreto

Podemos ler nas primeiras linhas de *Del Sentimiento Trágico de la Vida...*, a defesa de um homem concreto, contra o “homem” definido por meio da afirmação da sua racionalidade⁶³. Unamuno deseja escrever e falar para “el hombre de carne y hueso, el que

⁵⁹Id., ib., p. 1268.
⁶⁰“O homem de génio não é só aquele que aproxima e associa ideias ou estados psíquicos aparentemente alheios entre si; é, sobretudo e essencialmente, aquele que dissocia e afasta certos estados psíquicos, vencendo urna coesão, fone de toda a herança da raça. Não foi, com efeito, menos genial a dissociação dos estados psíquicos referentes à nossa posição sobre o globo terrestre e ao nosso sentido de orientação, permitindo a concepção dos antípodas, ou a associação newtoniana da queda dos graves com a aceleração centrípeta da lua.

A força de inércia ou coesão das associações é a grande força conservantista das sociedades, é como uma memória social implícita, hipnótica, parente dos instintos animais. Pertence à massa ignara. A força de dissociação e criação de novas associações pertence, singular e esporadicamente, aos génios; pertence sistematicamente aos organismos intelectuais superiores, que são a pane lúcida e criadora da consciência colectiva. Nesses organismos contam, desde o século XII, as Universidades.”, LEONARDO COIMBRA, “A Questão Universitária (Discurso Parlamentar)”, in (Seleção, coordenação e revisão de Sant’Anna Dionísio), Obras, Porto, Lello & Irmão, 1983, Vol. I, pp. 608-609.

⁶¹“O passo célebre de Laplace, no Ensaio Filosófico sobre as probabilidades foi repetidamente referido ou citado desde o princípio do século XIX aos nossos dias. Transcrevemo-lo na elegante versão dada por Antero de Quental no célebre escrito Tendências Gerais da Filosofia na segunda metade do século XIX: ‘Uma inteligência que, num momento dado, conhecesse todas as forças que animam a natureza, e a situação respectiva dos seres que a compõem, se além disso fosse assaz poderosa para submeter esses dados à análise, abrangeria na mesma fórmula os movimentos dos maiores corpos do universo e os dos átomos os mais ténues: nada para ela seria incerto, e futuro como passado seria a seus olhos presente. O espírito humano oferece na perfeição que conseguiu dar à astronomia um leve esboço desta inteligência. As suas descobertas em mecânica e em geometria, conjuntamente com a da gravidade, tomaram-lhe possível compreender nas mesmas expressões analíticas os estados passados e futuros do sistema do mundo. Aplicando o mesmo método a outros objectos dos seus conhecimentos, conseguiu reduzir a leis gerais os fenómenos observados, e prever aqueles que em dadas circunstâncias se devem produzir.’”, JOSÉ MARINHO, Verdade, Condição e Destino no Pensamento Português Contemporâneo, Porto, Lello & Irmão, 1976, pp. 290-291.

⁶²MIGUEL DE UNAMUNO, *Amor y Pedagogía*, OC, II, p. 361

⁶³Cf. MIGUEL DE UNAMUNO, *Del Sentimiento Trágico de la Vida...*, OC, VII, p. 109.

nace, sufre y muere – sobre todo muere – el que come, y bebe, y juega, y duerme, y piensa, y quiere”⁶⁴ e que é, portanto, “el hombre que se ve y a quien se oye, el hermano, el verdadero hermano”⁶⁵.

Em face da pedagogia que tiraniza, Unamuno defende a educação que liberta⁶⁶. Sem preocupar-se com sínteses magistrais, indiciadoras do espírito de sistema, Unamuno debate se com o *conatus essendi* – esforço de preservação do ser de cada ser – assimilado de Baruch Espinosa⁶⁷, para ultrapassá-lo⁶⁸, na mira de *querer serlo todo*, como diz François Meyer⁶⁹. No desejo de conservar o seu ser, o ser humano tem que conservar-se e intentar ampliar-se: a luta ontológica do homem Espinosa, do homem Unamuno, de todos os homens que nascem e vivem lutando, consiste no combate sem tréguas contra a morte, que é o signo da nossa finitude – apesar de o ser humano querer o infinito.

Relativamente à articulação entre a teleologia e a técnica pedagógicas, ao escrever a Manuel Gálvez, que lhe tinha enviado um exemplar de *La Maestra Normal (Vida de Provincia)*, concebido na linha de *Amor y Pedagogía*, Unamuno diz ao seu amigo que “es igual: igual plaga de pedantería. No quieren entender que lo que importa es lo que se enseña y no el cómo. La pedagogía esa no sino una colección de moldes para quesos, de todas formas y tamaños como no tienen leche ni quajo, no hacen queso. ¡La superstición del método!”⁷⁰. Para Unamuno não é o método que determina aquilo que deve ser ensinado: é em função dos

⁶⁴Ibidem.

⁶⁵Ibidem.

⁶⁶Avito Carrascal terá a oportunidade de encontrar-se com outro ser nivolesco, Augusto Pérez, a quem dirá, unamunescamente, que “sólo he penetrado en el misterio de la vida cuando en las noches terribles que sucedieron al suicidio de mi Apolodoro reclinaba mi cabeza en el regazo de ella, de la madre, y lloraba, lloraba, lloraba. Y ella, pasándome dulcemente la mano por la cabeza, me decía: ‘¡Pobre hijo mío!, ¡pobre hijo mío!’.”, MIGUEL DE UNAMUNO, Niebla, Madrid, Ed. Renacimiento, 1914, 313 pp., OC, II, pp. 599-600.

⁶⁷“La proposición sexta de la parte III de su Etica, dice: unaquaque res, quantum in se est, in suo esse perseverare conatur; es decir, cada cosa, en cuanto es en sí, se esfuerza por perseverar en su ser. Cada cosa, en cuanto es en si, es decir, en cuanto sustancia, ya que, según él, sustancia es id quod in se est et per se concipitur, lo que es por sí y por si se concibe.”, MIGUEL DE UNAMUNO, Del Sentimiento Trágico de la Vida..., Madrid, Editorial Renacimiento, s. d. [1913], 320 (1) pp., OC, VII, p. 112.

⁶⁸“La esencia de un ser no es sólo el empeño en persistir por siempre, como nos enseñó Spinoza, sino, además, el empeño por universalizarse, es el hambre y sed de eternidad y de infinitud. Todo ser creado tiende no sólo a conservarse en sí, sino a perpetuarse, y, además a invadir a todos los otros, a ser los otros sin dejar de ser él, a ensanchar sus linderos al infinito pero sin romperlos.”, Id., ib., p. 232.

⁶⁹Cf. FRANÇOIS MEYER, La Ontología de Miguel de Unamuno, Madrid, Editorial Credos, 1962, trad. do francês por Cesáreo Goicoechea, p.23 e sgs.

⁷⁰Carta de Unamuno a Manuel Gálvez, Salamanca, 6.IV.1915, in MANUEL GARCÍA BLANCO, América y Unamuno, Madrid, Editorial Credos, 1964, pp. 34-35.

Unamuno reafirma o exposto a Manuel Gálvez numa carta escrita a Marcelo Rivas Mateos: “La pedagogía es a modo de una colección de moldes de quesos de todas formas y tamaños.

Mas como no hay leche, leche de intuición, no es posible hacer quesos.”, carta de Unamuno a Marcelo Rivas Mateos, Salamanca, 1.I.1918, in (Edição de Laureano Robles), Epistolario Inédito, Madrid, Espasa-Calpe, 1991, Vol. II (1915-1936), p. 63.

fins que se esclarecem o meios educativos. De acordo com uma carta escrita a Carlos Vaz Ferreira, um filósofo preocupado com questões educacionais Unamuno afirma: “Estoy harto de decir y repetir a los maestros que lo importante no es precisamente cómo debe enseñarse sino qué lo que se debe enseñar y *qué* no. Del *qué* sale el *cómo* mucho mejor que del *cómo* el *qué*”⁷¹.

La Maestra Normal (Vida de Provincia) suscita em Unamuno um conjunto de considerações sobre os exageros do professorado do seu tempo, convertido em casta – à semelhança do sacerdócio e dos militares, O nosso autor considera que “pueda llegar día en que frente al magisterio, que se llama a sí mismo, con su característica pedantería, sacerdocio de la cultura, pueda surgir un movimiento antipedagoga en el que entren gentes muy amantes de la cultura y de la educación y de la enseñanza”⁷², visto que “eso de que hay quienes saben bien una doctrina, pero no enseñaría, es casi siempre una falsedad”⁷³, na medida em que, quando alguém afirma que “sabe algo, pero no sabe enseñarlo, o es que en realidad no lo sabe bien o no quiere enseñarlo. Y contra la falta de voluntad no sirve la pedagogía”⁷⁴.

Citando Manuel Gálvez, Unamuno declara que “con la invasión de los pedagogos y los primarios, verdaderos primarios, ya no se quería que el país tuviese sabios, escritores, artistas, filósofos, humanistas; sólo querían tener escueleros. ¡Escuelas y más escuelas!, pedían los bárbaros en coro, y combatían la creación de nuevas universidades”⁷⁵, As funções do professor não se limitam à escola, e aquele não pode almejar que esta seja o local da educação, que tem de ser de tipo altruísta, em ordem a levar cada um à construção do seu Deus⁷⁶.

Para Unamuno, a educação, devendo realizar-se no exercício da imaginação⁷⁷, tem uma ordem tripla de componentes: é educação do carácter, é exercitação da modéstia, é exemplo de virtudes. É, também, aprendizagem do trabalho, na medida em que só ele possibilita aos sujeitos e às colectividades a imortalidade: na Península Ibérica temos um exemplo a seguir no que concerne à moral da energia. Trata-se do povo

⁷¹Carta de Unamuno a Carlos Vaz Ferreira, Salamanca, 29.V.1907, in MANUEL GARCÍA BLANCO, América y Unamuno, op. cit., p. 198.

⁷²MIGUEL DE UNAMUNO, “La Plaga del Normalismo”, La Nación, Buenos Aires, 8.VI.1915, OC, IV, pp. 985-986.

⁷³Id., ib., p. 987.

⁷⁴Ibidem.

⁷⁵MANUEL GÁLVEZ, *La Maestra Normal (Vida de Provincia)*, Buenos Aires, Nosotros, 1914, apud MIGUEL DE UNAMUNO, “La Plaga del Normalismo”, OC, IV, p. 986.

⁷⁶Cf. MIGUEL DE UNAMUNO, “La Plaga del Normalismo”, OC, IV, p. 990.

⁷⁷Este aspecto é muito importante na teorização educacional de Unamuno. Na conferencia proferida no Teatro Cervantes, de Málaga, em 21.VIII.1906, afirmou que “la imaginación si es algo, es la facultad de crear imágenes, no de repetir las aprendidas de memoria, y es, ante todo, la facultad de ver lo real en lo vivo, de volver a crearlo dentro nuestro. Y no sabemos imaginarnos lo mismo que vemos, volverlo a crear, no sabemos dar espiritualidade al mundo sensible. Repetimos lo aprendido, com más o menos gracejo, pero sin penetrar en su esencia. Y así sucede que lamamos poeta a uno que nada tiene de tal, a uno que lo sumo hace versos, como llamamos profesor al que nada profesa.”, MIGUEL DE UNAMUNO, OC, IX, p. 187.

basco⁷⁸. No âmbito da educação do carácter Unamuno propõe a similitude entre “instrução” e “educação”. O cidadão verdadeiro, consciente dos seus direitos, será juiz, e jamais verdugo. O nosso autor propõe-nos, não a instrução do carvoeiro, que se faz ritualmente, mas a “instrucción de verdad”⁷⁹, que é, simultaneamente, exercício de modéstia.

Contrário à proliferação dos estabelecimentos confessionais de ensino, Unamuno pugna pelo ensino, nas escolas do Estado, da religião católica – oficial em Espanha e que a maioria dos espanhóis diz professar –, na medida em que ela “ha influido y sigue influyendo en el modo de ser, de vivir, de pensar y de sentir del pueblo español, tanto o más – creyo que mucho más – que su lengua, su legislación, su historia”⁸⁰. Se cada espanhol deseja conhecer-se e conhecer o seu povo, Unamuno pergunta-se se “¿hemos de desdeliar el estudio de ese elemento?”⁸¹.

O sentido da resposta parece-nos ser claro, tanto mais que Unamuno escrevera numa das cañas que seriam incluídas em *El Porvenir de España*⁸², o seu espanto pelo facto de, no seu país, ser “general la semi-ignorancia en cuanto al catolicismo y su esencia, aun entre los teólogos. La llamada *fe implícita* ha tomado un desarrollo que debe espantar a toda alma sinceramente cristiana”⁸³. Ao apelar implicitamente para o exemplo da sua educação juvenil, Unamuno defende ser grande a diferença que existe entre um livre-pensador educado mais ou-menos religiosamente – ainda que esta educação se tenha sedimentado em formas impuras de religião – e aqueles que foram educados de maneira irreligiosa. Apesar de, em Espanha, “país que se dice cristiano no haya leído el Evangelio la inmensa mayoría de los hombres que por cultos se tienen”⁸⁴, é necessário, para a defesa da sua história, levar às escolas o ensino da religião, que será estudada e terá crédito idêntico ao de qualquer disciplina de índole científica⁸⁵. Recordemos que, apesar de pugnar pelo ensino da religião nas escolas oficiais, Unamuno posiciona-se contra a Companhia de Jesus⁸⁶

⁷⁸Cf. J. M. DE BARROS DIAS, Miguel de Unamuno: O Tema da “Hispanidad” e suas Implicações Educacionais, Évora, Universidade de Évora, 1990, pp 43-46 [texto policopiado].

⁷⁹MIGUEL DE UNAMUNO, “Educación e Instrucción”, Nuevo Mundo, Madrid, 6.II.1920, OC, V, p. 1138.

⁸⁰ ⁴⁸ MIGUEL DE UNAMUNO, “La Educación (Prólogo a la Obra de Bunge, del Mismo Título)”, La España Moderna, Madrid, II.1902, OC, I, p. 1017.

⁸¹Ibidem.

⁸²Cf. MIGUEL DE UNAMUNO, El Porvenir de España, Madrid, Editorial Renacimiento, 1912, OC, III, pp. 635-677.

Neste volume reúne-se a correspondência trocada entre Ángel Ganivet e Unamuno, e tinha sido dada a conhecer em 1898, no diário El Defensor de Granada.

⁸³Id., ib., p. 646.

⁸⁴UNAMUNO, “La Educación (Prólogo a la Obra de Bunge, del Mismo Título)”, OC, I, p. 1018.

⁸⁵Segundo Yvonne Turin, em Unamuno “la religion doit être étudiée comme la langue ou l’histoire de son pays. L’instruction religieuse, dans la perspective envisagée par le recteur de Salamanque, n’a pas pour but la formation religieuse proprement dite, elle s’apparante ni plus ni moins à ce bain populaire qu’il recommande à tous.”, YVONNE TURIN, Miguel de Unamuno Universitaire, op. cit., pp. 69-70.

⁸⁶Unamuno manifestou, ao longo da sua vida, uma atitude teórica anti-jesuítica. Em termos pedagógicos, segundo o autor basco, para os jesuítas é primordial o ensino da arte de falar em público com mestria. Cada disciplina tem “esa tendencia a hacer aprender a los niños índices, no más que índices de libros y de cosas. Un resumen de historia universal no es más que el índice de una obra extensa. Todo se reduce a dar a los niños

e as Escuelas del Ave María⁸⁷ criadas por Andrés Manjón em 1889. Por razões muito diferentes, Unamuno não valorará positivamente a experiência ácrata da Escuela Moderna⁸⁸ de Francisco Ferrer Guardia, fundada em Barcelona no ano de 1901.

Considerações finais

As orientações teleológicas dos modelos educacionais positivista, sociologista, dos jesuítas, de Andrés Manjón e de Francisco Ferrer colidem com a atitude filosófico-educacional de Unamuno, que submete ao livre exame todas as questões de todos os temas, sem os antolhos cientificistas, a ingerência da teologia na educação, as concessões à facilidade e a libertinagem educativa.

A atitude fundamental de Unamuno enquanto teorizador da educação reflecte a sua personalidade angustiada e sedenta de liberdade responsável. A teoria, que nasce da necessidade de lutar pela melhoria das condições educativas concretas, ilumina a prática e nutre-se dela. Em vez da anemia teórica do pedagogo de laboratório temos, em Unamuno uma teorização vivenciada da educação, concebida para promover fecundação e a

casilleros y etiquetas.”, UNAMUNO, “Conferencia en la Sociedad de Ciencias, de Málaga, el 23 de Agosto de 1906”, Conferencias Dadas en Málaga por Miguel de Unamuno, Málaga, La Ibérica, 1908, OC, IX, p. 206.

A pedagogia jesuítica, anota Unamuno, resume-se ao aforismo: “In necessariis unitas, in dubiis libertas, in omnia [sic] caritas.”, MIGUEL DE UNAMUNO, “La Educación Jesuítica”, La Nación, Buenos Aires, 30.VIII.1912, reproduzido em Repertorio Americano, San José de Costa Rica, 30.VI. 1921, OC, IX, p. 1105. Também referido em La Agonia del Cristianismo, Madrid, Renacimiento, Compañía Ibero-Americana de Publicaciones, 1931, trad. do francês pelo autor [L’Agonie du Christianisme, Paris, F. Reider, 1925], OC, VII, p. 351.

Sobre o anti-jesuitismo unamuniano, cf. MIGUEL DE UNAMUNO, “La Educación Jesuítica”, OC, IX, pp. 1100-1105; “El Habsburgianismo Jesuítico Español”, España, Madrid, n.º 174, 8.VIII.1918, in VICENTE GONZÁLEZ MARTÍN (Introdução, edição e notas de), Cronica Política Española (1915-1923), Salamanca, Ediciones Almar, 1977, pp. 175-179; “La Pata de la Roposa”, Repertorio Americano, San José de Costa Rica, 20.VI.1921, pp. 324-326; carta de Unamuno a Filiberto Villalobos, Paris, 21.XI.1924, in (Edição de Laureano Robles), Epistolario Inédito, op. cit., Vol. II (1915-1936), p. 149; La Agonía del Cristianismo, OC, VII, pp. 342 e 350-352; “Cristo sin Cruz, Jesuítico”, 13 IV.1929, Cancio-nero. Diario Poético (Edição e prólogo de Frederico de Onís), Buenos Aires, Editorial Losada, 1953, OC, VI, p. 1262.

Aquela que pode considerar-se como a réplica da Companhia de Jesus a Unamuno pertence a Gabriel Palau. Cf. GABRIEL PALAU, SJ, Por Donde Se Ve... Réplica de un Jesuíta Español a D. Miguel de Unamuno, 2.ª ed., Buenos Aires, Librería de A. García Santos, 1932, 168 pp.

⁸⁷Cf. MIGUEL DE UNAMUNO, “Conferencia en la Sociedad de Ciencias, de Málaga, el 23 de Agosto de 1906”, OC, IX, pp. 205-206; carta de Unamuno a L. A. Santullano, Salamanca, 8.II.1913, in (Edição de Laureano Robles), Epistolario inédito, op. cit., Vol. I (1894-1914), p. 317; carta de Unamuno a Marcelo Rivas Mateos, Salamanca, 1.I.1918, in (Edição de Laureano Robles), Epistolario Inédito, op. cit., Vol. II (1915-1936), p. 65.

⁸⁸Cf. carta de Unamuno a Gilberto Beccari, Salamanca, 22.XI. 1910, in VICENTE GONZÁLEZ MARTÍN, La Cultura Italiana en Miguel de Unamuno, Salamanca, Ediciones Universidad de Salamanca, 1978, p. 308; “El Sentimiento de la Fortaleza”, La Nación, Buenos Aires, 10.XII.1909, OC, I, p. 335; carta de Unamuno a Carlos Bratli, Salamanca, 20.X.1909, in (Edição de Laureano Robles), Epistolario Inédito, op. cit., Vol. I (1894-1914), p. 268. Unamuno reconsiderou algumas das posições por si tomadas acerca do fundador da Escuela Moderna no artigo “Confesión de Culpa”, publicado em 1917. Cf. MIGUEL DE UNAMUNO, “Confesión de Culpa”, El Día, Madrid, 7.XII.1917, OC, VIII, pp. 398-400.

dinamização do tecido cultural dos seus concidadãos.

Defensor da intervenção do Estado na educação⁸⁹, Unamuno procurou cumprir durante a sua vida com o exposto num texto seu de 1902: “Tengo mi cátedra, procuro en ella, no sólo enseñar la materia que me está encomendada, sino disciplinar y avivar la mente de mis alumnos, obrar sobre cada uno de ellos, hacer obra pedagógica; pero no desperdicio ocasión de hacerla demagógica, de dirigirme, ya por la pluma, ya de palabra, a muchedumbres, de predicar, que es para lo que acaso siento más vocación y más honda”⁹⁰.

Submetido em: outubro de 2013

Aprovado em: maio de 2014.

⁸⁹Cf. J. M. DE BARROS DIAS, Miguel de Unamuno: O Tema da “Hispanidad” e suas Implicações Educacionais, op. cit., pp. 160-170.

⁹⁰MIGUEL DE UNAMUNO, “La Educación (Prólogo a la Obra de Bunge, del Mismo Título)”, OC, I, p. 1022.